Buraco da catita: o lócus contemporâneo de identificação do neotribalismo e do sujeito descentrado na modernidade tardia: Sentidos e significados.

Árison Rodrigo de Brito[1]

[1]Graduando do curso de Tecnologia em Produção Cultural– IFRN. e-mail: arisonrb@yahoo.com.br

Resumo: Este artigo é resultado de uma pesquisa de tipo etnográfica, que pretendeu analisar os sentidos e significados atribuídos por seus frequentadores ao Espaço Cultural Buraco da Catita. Para tanto, as categorias que elegemos, para compreensão dos sentidos e significados, foram o Neotribalismo, do Maffesoli (2004), dentro de uma discussão maior sobre identidade, bem como a noção de sujeito descentrado a partir do texto a Identidade Cultural na Pós-Modernidade do Stuart Hall. Nesse sentido, foram realizadas observações participativas (vimos e vivenciamos), entrevistas estruturadas (ouvimos) e por fim analisamos os discursos dos entrevistados (escrevemos e refletimos). Esta análise é relevante para mostrar quais as motivações e afinidades que levam as diversas tribos, nem sempre afinadas ideologicamente, a frequentarem aquele espaço, que não é estruturado no sentido de sua estrutura física, para receber tão grande demanda de públicos e gostos.
Palavras–chave: Buraco da catita, neotribalismo, pós-modernidade.

1. INTRODUÇÃO

O espaço cultural Buraco da Catita, localizado na Rua Câmara Cascudo, foi inaugurado oficialmente no dia 23 de abril de 2008. Mas antes de fazer parte do cenário boêmio do "velho bairro" da Ribeira o espaço cultural organizado pelo grupo musical Catita Choro & Gafieira, remonta ao 'Beco da Lama', quando o pessoal ainda não tinha nome e se reunia informalmente em benefício da melodia. "A gente ia lá pro Beco da Lama no Bar da Nazaré, toda tarde, na sexta-feira, pra ouvir música. Cada um levava um CD e ficava por ali ouvindo", relembra Ronaldo Freire, flautista do grupo.

A reunião sonora que começou com o único intuito de estudar música, porém cresceu em progressão geométrica. Camilo, guitarrista do grupo, relata que O espaço passou a abrigar uma verdadeira miscelânea de tipos. "Tinha de guardador de carro até o médico, uma mistura psicodélica. Talvez fosse ali, o local mais democrático".

Inicialmente acontecendo no Bar de Nazaré, a roda de Choro, mesmo aumentando de tamanho e movimentando o pequeno logradouro, acabou sendo "despatriada". "Foi quando o Camilo descobriu um espaço na Ribeira e teve a ideia de fazer um centro de cultura." O nome Espaço cultural Buraco da Catita é em homenagem ao compositor de Choro, Potiguar, chamado K-Ximbinho, que teve grande projeção nacional. Catita o nome de uma de suas muitas composições.

Esse espaço cultural tem atraído diversas tribos, boêmios, professores universitários, artistas, além de um público jovem, que atribuem diferentes sentidos e significados de estarem neste local. De acordo com Maffesoli (2004) o homem, na sociedade busca existir diante do outro através de interações sociais. Isso, explica algumas situações que geram os aglomerados de emoções e sentimentos partilhados. O autor ressalta ainda que a importância da aparência como um vetor de agregação. Nesse sentido "a estética é um meio de experimentar, de sentir em comum e é, também, um meio de reconhecer-se" (MAFFESOLI, 2000, p.108).

O imaginário das pessoas as levaria, assim, ao encontro daquilo com que se Identificam, pela atração estética e puramente subjetiva, independentemente de valor atribuído racionalmente ao fenômeno. Maffesoli trata a estética em seu sentido mais amplo: "o culto ao corpo, os jogos da

ISBN 978-85-62830-10-5
VII CONNEPI©2012

aparência, só valem porque se inscrevem numa cena ampla onde cada um é, ao mesmo tempo, ator e espectador" (MAFFESOLI, 1995, p.11).

Neste artigo iremos analisar os sentidos e significados, bem como as principais motivações que levam um público tão diverso a esse espaço. E o Tribalismo, conceito trabalhado por Maffesoli, será categoria imprescindível para dar coesão à pesquisa e construir uma racionalidade acerca do ajuntamento das tribos, distintas, em um único lugar. As análises foram feitas a partir da interpretação dos discursos obtidos nas entrevistas realizadas com o público e idealizadores do Espaço Cultural Buraco da Catita, por intermédio ainda da nossa observação participante, bem como a confecção de um vídeo fundamentado pelas seguintes leituras: "MAFFESOLI (2000, 2004) e HALL (2004).

Acreditamos que a nossa investigação se torna importante, do ponto de vista acadêmico/científico, principalmente por apresentar uma compreensão sobre determinado espaço formador da Urbe neste caso Natal-RN. Melhor dizendo, compreender a dinâmica dos espaços é um exercício importante, até mesmo para se pensar em planejamentos de outros espaços com dinâmica semelhante, aumentando assim as oportunidades de lazer da cidade, o que é um direito do cidadão, o acesso ao lazer. Sem contar que entender o significado do centro cultural em estudo, é uma forma da instituição federal de ensino, IFRN (Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia), retribuir a sociedade, através da extensão, o que é produzido em benefício da sociedade como um todo, sabendo que é por ela, e para ela que o Instituto pensa ensino, pesquisa e extensão.

Do ponto de vista particular e coletivo a pesquisa se justifica no sentido de que coloca seus discentes em contato tanto com o público, que possivelmente serão os consumidores do nosso futuro trabalho como Produtores culturais, quanto da importância que reside na produção de trabalhos acadêmicos, uma prática que nos acompanhará constantemente em nossa caminhada profissional.

Uma consideração que desde já fazemos, é que nosso objeto de pesquisa é de uma complexidade tamanha, ao "término" da pesquisa, a sensação construída foi a de que precisaríamos de mais tempo e de um olhar mais cuidadoso para compreender a teia de significados e sentidos sociais construídos a partir daquele lócus. Estruturalmente o texto apresenta-se em um único capítulo, de forma 'corrida', desenvolvido a partir das análises, interpretações de entrevistas, tabelas construídas e discussões de sala. Enfim, do nosso olhar, ouvir, vivenciar, para posteriormente escrever/refletir embasados teoricamente e metodologicamente.

2. MATERIAL E MÉTODOS

Para que a pesquisa fosse possível nos utilizamos de questionários abertos e entrevistas realizadas com os grupos de pessoas frequentadoras do Espaço Cultural Buraco da Catita. Posteriormente juntamos os dados quantitativos e transformamos em tabelas, para por fim analisá-las a luz dos conceitos dos teóricos MAFFESOLI (2000, 2004) e HALL (2004).

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os encontros musicais do chorinho se dão inicialmente no Beco da Lama, Cidade Alta. Na Ribeira, remonta ao ano de 2008. Em rua estreita, mas com uma atmosfera propícia, nas sextas de todas as estações do ano, encontramos diversas tribos ao redor da roda choro, consumindo a música e vivenciando o espaço, que para muitos é o lócus privilegiado da boemia. Fisicamente o Espaço Cultural Buraco da Catita, não apresenta suntuosidade, não sendo este um aspecto mais significativo para convocar o público, mas como o próprio Camilo Lemos, idealizador do espaço, nos lembra: "há uma poesia naquela rua, na Ribeira como um todo, há um charme, uma subjetividade que atrai".

Diante do exposto, e a partir da análise dos discursos de participantes do objeto em estudo, bem como de leituras de alguns conceitos definidos, buscamos entender as motivações que levam as diversas tribos, ou as novas tribos ao Espaço Cultural em questão, pergunta essa aparentemente

ingênua, e só aparentemente. Partimos nossa análise tentando compreender o discurso do Camilo Lemos, organizador do Espaço Cultural. Na fala do Camilo, a sensação que ele tem, e que talvez explique o tamanho sucesso da roda do choro é que ele se tornou um espaço democrático da boemia; encontramos pessoas que gostam de música brasileira, "reggaeiros", "rockeiros", "a patricinha", "o playboy", "o professor universitário", e toda essa mistura acaba dando certo, pelo respeito mútuo desses diversos grupos. As reuniões no Espaço Cultural Buraco da Catita, entendemos como sendo um tipo de agrupamento típico da sociedade pós-moderna, onde é comum reuniões de várias tribos em torno de um totem contemporâneo, conforme o pensamento do Maffesoli (2004).

Quando realizávamos nossas entrevistas, ou aplicávamos os questionários, ou ainda quando observávamos o lugar, percebemos que o espaço também era propício para que as pessoas reatualizassem informações sobre o dia-a-dia, sobre política, sobre universidade, enfim as pessoas inseridas no imaginário da pós-modernidade apresentam a necessidade de serem vistas, ouvidas, diferentemente do homem moderno fechado em seu individualismo, esse homem tribal não deseja ser solitário, e nesse sentido partilha sua vida, seus sonhos, medos com os outros, os quais julga pertencente ao seu grupo, Maffesoli (2004).

Quando entrevistávamos a historiadora Aluísia Freire[1], ela nos afirmava que frequentava o espaço por vários motivos, por ali ser um lugar alternativo, pela música e, sobretudo pelo calor humano, ou seja, o conglomerado de pessoas e sentimentos permite o estreitamento de novos laços de amizade, embora essas amizades se configurem efêmeras.

Entendemos que na modernidade tardia as relações são muito escorregadias, as identidades são múltiplas, as pessoas vivem buscando os seus comuns, uma busca desenfreada por grupos que possam se inserir, identificações plurais. Talvez toda essa efeméride, seja produto do nosso tempo, ou seja, é histórica, diz muito sobre a dinâmica social que vivenciamos, onde encontrar um amigo é na verdade um exercício sempre novo. Porém, toda essa fluidez na identidade social, não deve ser vista pejorativamente, até mesmo para não incorrermos em erros, o fenômeno é mais complexo do que parece, e certamente essa pesquisa não pretende elucidar juízos valorativos acerca da identidade na modernidade tardia, no entanto, concordamos que há um descentramento das identidades, conforme HALL (2004). Ainda nessa linha de pensamento, vejamos a concepção do Maffesoli sobre identidade na pós-modernidade.

> [...] somos confrontados ás "máscaras" e temos menos uma identidade do que identificações. A aquisição de identidade era até agora o ápice da educação, o apogeu da socialização. Mas nós assistimos agora à passagem da identidade para as identificações múltiplas. É essa passagem que me parece fundar o nascimento; talvez seja melhor dizer o renascimento de formas tribais de existência (MAFFESOLI, 2004, p. 28).

Como há uma multiplicidade de identificações do sujeito contemporâneo, ele acaba vestindo máscaras, trocando estas conforme a necessidade de inserção em grupos de seu interesse, e nessa prática, em muitos casos, o homem filho da modernidade tardia acaba negando ao seu eu, em virtude de evitar conflitos e manter-se participante de determinados grupos.

Apesar de todo otimismo dos usuários do Espaço Cultural Buraco da Catita, como espaço de resistência cultural, não sendo efêmero, acreditamos que é muito cedo para defender essa ideia, se de fato o Espaço se consolidará como lugar de resistência cultural ou se não passa de mais um "point", produto da liquidez da atual sociedade. Verdade é que os dois casos são perfeitamente possíveis de emplacarem no espaço em análise, uma vez que tem público para ambas as possibilidades. E nessa

[1] Uma das pessoas que entrevistamos durante nosso trabalho de campo.

afirmação, residem as limitações dessa pesquisa, uma vez que não temos uma verdade sobre o futuro do espaço cultural e seus frequentadores.

Outro discurso que pretendemos problematizar é o da Estudante Layza[2] de 21 anos de idade, para ela o Espaço Cultural é interessante, chamativo pela possibilidade que tem de congregar múltiplas formas de culturas, diversidade cultural, bem como, a inexistência de demonstração de poder por intermédio de hierarquização, econômica, política e intelectual, estão no mesmo bojo o vendedor de churrasco e o pós-doutor.

Outro ponto que desejamos discutir em relação às tribos no Buraco da Catita, recuperando as relações de identificações, é que por mais que esses laços sejam considerados frágeis, fúteis, eles são parte das relações vivenciadas por esse homem transitório, chamo de sujeito transitório, porque ao passo que este vai ao Espaço da Catita, e lá vive as suas rápidas relações, contatos ligeiros, ele é o mesmo que valoriza também suas relações tradicionais, como exemplo: a família e profissão. E esse diálogo permite que este indivíduo não desmorone, mantendo assim, a coesão social.

Apesar de parecer extremamente fluído e sem envolvimentos sentimentais as ações que envolvem o neotribalismo são carregadas de fortes emoções, observe:

> [...] ao contrário da estabilidade induzida pelo tribalismo clássico, o neotribalismo é caracterizado pela fluidez, pelos ajuntamentos pontuais e pela dispersão. [...] e é no seio de uma tal ambiência que, pontualmente, podem ocorrer " condensações instantâneas", tão frágeis, mas que, no seu momento, são objeto de forte envolvimento emocional. (MAFFESOLI, 2000, p. 107).

Refletindo sobre os discursos do tatuador Thiago[3], que entende o Centro Cultural, como o lugar onde ele pode "tomar uma" e "trocar umas ideias" com os amigos e da estudante Natacha[4] que aponta a livre entrada do espaço, apesar de não ser bem estruturado, do ponto de vista físico. Quando ouvimos do Thiago que o lugar é propício para "tomar uma" compreendemos como espaço que possibilita o prazer, quando Natacha diz que não há uma estrutura agradável, e mesmo assim ela frequenta é porque sente prazer nesse ambiente. A tendência ao hedonismo é uma prática comum a pós-modernidade, hoje se deseja viver intensamente o presente, aproveitar fortemente os prazeres "ao modo de Dionísio", e isso nos remete ao que Maffesoli chama de estar - junto. "A maior parte dos prazeres populares são os prazeres de multidão, ou de grupo. [...] É impossível compreender essa estranha compulsão de amontoar-se, a não ser que se tenha em mente essa constante antropológica". (MAFFESOLI, 2000, p. 108).

Partiremos agora para análise de algumas tabelas, as quais foram fruto dos questionários estruturados que realizamos. É importante ressaltar que mesmo os dados sendo quantitativos, nosso viés de análise não se esgotou nos números, eles serviram, em determinados momentos, para que pudéssemos realizar uma reflexão sobre o nosso objeto de estudo.

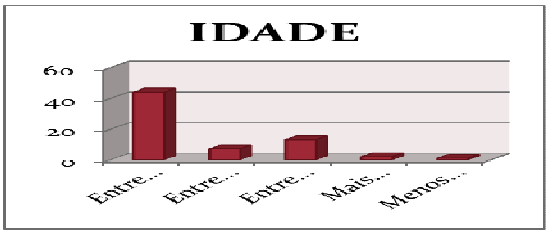
Observe as tabelas abaixo, sobre a média de idade e formação acadêmica do público que frequenta o Espaço Cultural:

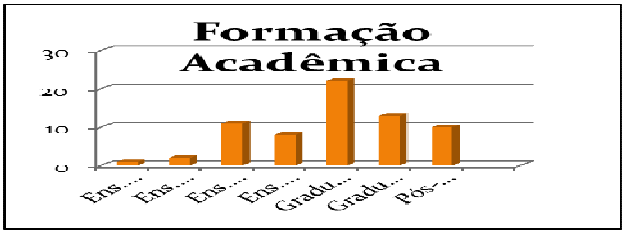
---

[2] Outra frequentadora entrevistada durante as entrevistas de campo.

[3] Outro frequentador entrevistado durante as entrevistas de campo.

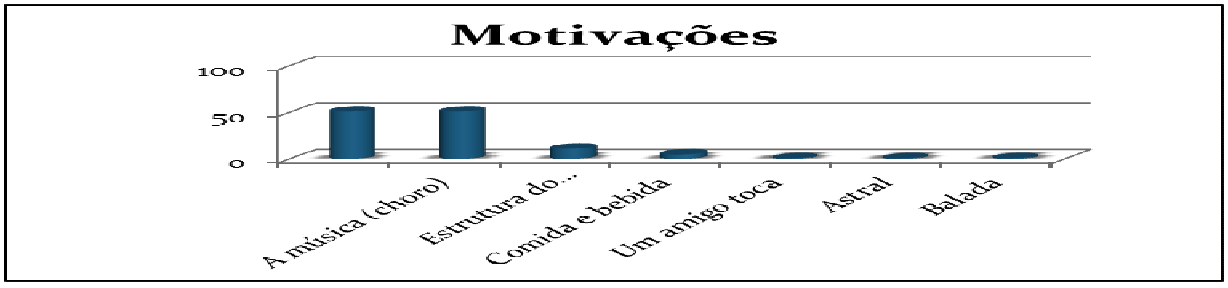
[4] Outra frequentadora entrevistada durante as entrevistas de campo.





A fim de descobrir a idade e formação acadêmica dos sujeitos que frequentavam o espaço em análise, identificamos que mais de 40 % do público tem escolaridade entre graduandos até pós-doutores, e o número mais significativo desses sujeitos encontra-se em faixa etária entre 18 e 28 anos. Isso nos permite pensar que, em maior medida, as tribos mais frequentes e numerosas desse espaço são de jovens universitários. Quando confrontamos esses dados com os discursos analisados no decorrer do texto, percebemos a racionalidade que existe em classificar o Espaço como privilegiado de um público jovem, que desejam vivenciar as experiências efervescentes da juventude. Claro que não negamos a democracia do espaço e sua abertura a todos os clãs e tribos, as tabelas, apesar de não representarem uma verdade absoluta, estão ai para nos dar dicas e reforçar as teses que havíamos levantado, ao mesmo tempo que destronar outras ideologias que tínhamos.

Na tentativa de entender as motivações que conduzem essas tribos ao Espaço Cultural, reflita sobre os números apresentados na tabela seguinte. Nela podemos identificar a multiplicidade de motivos que alimentam o desejo dessas pessoas de estarem juntos, naquele espaço.



Buscando compreender os sentidos e significados que os consumidores atribuem ao Espaço Cultural Buraco da Catita, podemos nos arriscar a dizer que eles significam esse local como propício para encontrar novos amigos, rever outros, buscar relacionamentos diversos, mesmo efêmeros, sendo um espaço da modernidade tardia, voltado para pessoas que não desejam a clausura de seus lares, que estão em conflito com a modernidade, que estão como que buscando identificações, já que a sua identidade é provisória, fragmentada. O sentido de eles chegarem ao Buraco da Catita alcança compreensão dentro de uma lógica maior, o processo da globalização, processo esse que não podemos evitar, e essa necessidade de tudo comunicar, de consumir a música para além das fronteiras de sua criação cultural, de viver, de consumir, de não preocupar-se com a amanhã, toda essa lógica está representada naquele lugar.

Como podemos enxergar é a busca do contato com outro, a novidade da roda de choro, em sentido globalizado e comercializado, ou seja, são essas novidades que motivam esses indivíduos a largarem seu eu, em busca da inserção em novas tribos, bem como o contato com outras.

6. CONCLUSÕES

Pelo exposto, chegamos a algumas conclusões sobre o objeto que nos propomos a investigar. E nesse sentido, entender as reais motivações que fazem o público frequentar o Espaço Cultural Buraco da Catita. E nessa lógica identificamos dois motivos mais significativos, o público que lá pode ser encontrado e a música que poetiza aquele lócus. Para chegar à compreensão do estudo de caso, e fazer uma reflexão social, nos utilizamos de alguns conceitos cunhados pelo Maffesoli e Stuart Hall, apresentados na introdução e no decorrer do texto, o que nos ajudou na compreensão dos discursos dos pesquisados e no amadurecimento das ideias que tínhamos anteriormente a realização desta pesquisa.

Não poderíamos encerrar este trabalho sem elucidar nossa impressão de que mesmo chegando ao "fim", ele já apresenta outras respostas, uma vez que o objeto pesquisado é muito dinâmico. O tempo certamente foi insuficiente para apresentarmos resultados precisos, pensamos que uma intensa e cuidadosa verificação antropológica, histórica e social denuncie um quadro bem mais complexo sobre o Espaço Cultural Buraco da Catita e as teias das relações que lá são desenvolvidas.

REFERÊNCIAS

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*; tradução Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro: Rio de Janeiro: DP&A, 2004.

MAFFESOLI, Michel. Tribalismo: In____ tempo das Tribos: o declínio do Individualismo nas sociedades de massa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000 – 2004.